**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP  
DISCIPLINA: PSE5864-APRENDIZAGEM SOCIAL: UMA VISÃO EVOLUCIONISTA**

**GABRIELA BRITO CÂNDIDO DO NASCIMENTO**

**ENSAIO SOBRE O PENSAMENTO DECOLONIAL, APRENDIZAGEM SOCIAL E ETOLOGIA**

Docente: Briseida Resende

SÃO PAULO  
2024

RESUMO

A colonialidade é entendida como parte do projeto civilizatório da modernidade. É um padrão na naturalização de determinadas hierarquias, sejam elas territoriais, raciais, epistêmicas, culturais e de gênero (TONIAL, 2017). Já o colonialismo é um sistema que habita diversos ambientes em suas marcas e produtos. É o sistema repetitivo que se auto-organiza (FERRARI, 2023). A procura desenfreada pelo desenvolvimento é uma corrida que quase todos os países anseiam atingir, porém, poucos conseguem, mesmo porque essa conquista depende daquilo que se vislumbra por desenvolvimento (NUNES, 2021). Para tanto, neste ensaio será obetivado a reflexão sobre como a hierarquia estabelecida do dominus percorre a etologia. Além do objetivo de se refletir como o pensamento decolonial pode vir a dialogar com a aprendizagem social promovendo a descontinuidade colonial.

PENSAMENTO DECOLONIAL

Para produzir um pensamento decolonial é necessário primeiro entender seus entraves e suas dimensões do poder e como elas se manifestam. Segundo TONIAL (2017), a colonialidade subalterniza e dicotomiza experiências e formas de vida de quem que são explorados e dominados. Então, abordagens para a reflexão da dicotomia das coisas, torna-se o primeiro passo para um pensar decolonial, além disso, é necessário entender a distinção entre colonialismo e colonialidade. Conforme TONIAL (2017) aborda, é necessário entender essa distinção. O colonialismo é a chegada de um grupo, com uma identidade X, isto é, os colonizadores, a um território de povo, com uma identidade Y, ou seja, os colonizados. Através da força, poderes ou influências, subalterniza um determinado povo para explorar suas riquezas e trabalho em benefício dos colonizadores resultando no domínio da soberania de um povo colonizado. Já a colonialidade é a dimensão simbólica do colonialismo que mantém as relações de poder que se desprenderam da prática e dos discursos sustentados pelos colonizadores para manter a exploração dos povos colonizados (TONIAL, 2017). Isto é, a soberania do povo colonizado fica sobre domínio do colonizador.

Questionar sobre a colonialidade do poder é capaz de produzir um pensamento decolonial. Em que não há dicotomia das coisas e pensar assim produz outro tipo de pesquisa, porque é retirado a ideia do dominus. Neste caso, em que um povo se sobrepõe a outro, ou que há superior e inferior, ou até mesmo o poder do ser humano sobre os animais não humanos, descosiderando sua sensciência. Porque, conforme é abordado por NUNES (2021), a colonialidade de poder é fundamentada na relação entre formas de exploração e dominação, fragmentação por raças, desenvolvido e subdesenvolvido. Ainda, tendo uma visão eurocentrada construída em cima de um imaginário de inferiorização e hierarquização das diferentes etnias. E, então, porque não denominar essa dicotomia como uma fratura das coisas?.

## A dupla fratura colonial

Compreender a dupla fratura colonial e ambiental da modernidade nos coloca frente ao entendimento do problema da crise ecologica (SALGADO, 2023). O dialogo da dupla fratura colonial e ambiental com o pensamento decolonial permite que seja entendido a dicotomia impressa no cuidado fragmentado e centralizado por diferentes interesses. Para FERDINAND (2022), há uma brasa desenfreada que percorre a Terra e potentes almas cuidam para o fogo não se alastre, tentam apagar como podem, mas fazem isso de forma separada. Essa dicotomia que uniformiza o modo de pensar. Uns protegem florestas intocadas, outros defendem outros tipos de mata. Um grupo de pessoas se opõem às violências praticadas contra a natureza sob a forma de exploração de recursos energéticos, de rastros de moléculas tóxicas e de exposição a substância periculosas, deixando de lado a pobreza de uma população, por exemplo. Nessa fratura, há dualidade das coisas e lado que escolhe a ser defendido. É onde há a persistência do fogo. A questão é: unificar as coisas para que não haja fratura sobre as próprias coisas, sobre as capacidades de um determinado recurso ou um interesse específico para um determinado tema. Ainda, conforme FERDINAND (2022), há uma brasa moderna que devora o mundo. Essas chamas são vistas atualmente no sitema *plantation*. A monocultura impulsiona a economia agrícola, e então, acaba sendo difundida como uma só forma de se fazer agricultura em larga escala. Por isso, olhando essa forma hegemônica de se plantar da monocultura instalada entre a sociedade, é possível perceber a perda da biodiversidade tornando-se tudo uma plantação só por longos hectares. A monocultura implantada como a forma base de se fazer agricultura padroniza o modo de plantar, produz essa uniformização e comercializa o uniforme em grande escala. Essa forma de fazer agricultura propaga a perda de biodiversidade vegetal e animal, e nessa forma de se fazer agricultura é capaz de refletir como é predomiante a cultura do *dominus*. E também como a centralização do poder inflência áreas adjacentes, como na etologia, por exemplo.

ETOLOGIA

Há a existência de uma visão denominada de *dominus* que consisten na negação do bem-estar animal e sobreposição do homem ao animal, o observando como instrumento para a obtenção de algo e para a sua própria finalidade (FERRARI, 2023). Na psicologia, uma ótica decolonizadora sugere um novo posicionamento ontológico para analisar as coisas existentes no mundo, a realidade e a natureza do ser. E também um novo posicionamento epistemológico, isto é, relacionado a um novo modo de obtenção do conhecimento científico. Então, o novo método da psicologia moderniza o passado, que é a decolonização realizada e que exige um pensamento que parte de um consenso e que ocorre também pela ausencia de centralização por partes de quem à formam, para compor uma nova identidade para a america latina (ORELLANO, 2015).

Como decolonizar o modo de fazer ciêcia na etologia? Conforme FERRARI (2023) aborda, há três distintos olhares, que são as observações espontâneas, essa permite o surgimento de questionamentos a partir da própria observação em que os acontecimentos vão sendo observados, podendo o observador vislumbrar algo inesperado. Há também as observações controladas, sendo possível regular quando e onde os acontecimentos ocorrem. E que também ocorrem por meio de observações experimentais, nesse contexto a visão do *dominus* é bem acentuada.

Percebo, então, que pensar nessas questões relacionadas à configuração do mundo permite enxergar novos estabelecimentos na aprendizagem social. Até porque decolonizar o pensar, o fazer ciência não é apenas mudar os objetivos das observações.

Então, a própria forma de se fazer ciência na etologia poderia surgir a partir de observações inesperadas do observador, e então responder às questões que surgem na comunidade científica, não na perspectiva de se fazer ciência a fim de preencher lacunas, e sim na intenção de se entender como um organismo se comporta a partir de observações espontâneas FERRARI (2023).

APRENDIZAGEM SOCIAL

O que organiza uma cultura está nela própria e observar a cultura como um sistema autopoiético para decolonizar as relações, o pensamento e a ciência. (FERRARI, 2023). Então, como um sistema que se auto-nutre, tal como a autopoiese, a cultura muda e seus tentáculos também mudam. Como se auto-nutre, ela muda de dentro para fora, isto é, o seu reflexo. Aparentemente, a aprendizagem social poderia ser utilizada como ferramenta para uma extensão para se aplicar o pensar decolonial para descontinuidade da colonialidade. Porque, conforme é abordado por FRAGASZY (2023), determinada transmissão cultural de habilidades é facilitada pela interação social entre os membros do grupo. Essa instrução de habilidades pode envolver instrução direta, modelagem de comportamento e outras formas que contenham algum suporte social.

Então, considerando aqui, a cultura como um sistema autopoietico e recusirvo (FERRARI,2023), quem sabe o pensar decolonial possa ser uma inovação-chave, isto é, inovação significativa para contribuir para o sucesso adaptativo de uma espécie, nesse caso, o praticar de um pensar decolonial que parte do próprio indivíduo. Mesmo porque, como aborda FOGEL (1993), a cultura não é um conjunto codificado de regras, procedimentos e ferramentas em que se adquirem em determinadas situações. Isto é, ao meu ver, plausível de ser perpertuado.

Descontinuidade Colonial

A cultura muda para nós à medida que nos desenvolvemos e muda historicamente ao longo das gerações. Visto que as ferramentas de uma determinada comunidade e as regras que as regulam, são mantidas ao longo do tempo como uma tradição histórica (FOGEL, 1993). Então, atraves do entendimento da visão eurocentrada, surge uma visão nutrida pela perspectiva ética e política decolonial e que convidam à criação de novas formas curriculares para a formação de novos psicologos latino-americano e também a conscientização e desconstrução ideologica dos metodos de transformação da identidade social, em busca da nossa própria cultura (ORELLANO, 2015). O observador reproduz o comportamento observado se houver algum benefício para o mesmo. Visto que, conforme FRAGASZY (2023), a relevância do comportamento que se é observado induz se o comportamento será ou não praticado pelo observador. Por isso se faz necessaário entender os processos coloniais e sua continuidade, porque assim o refletir sobre o pensamento decolonial se torna presente e perpertuado.

Conclusão

É percebido que, conforme FERDINAND (2022), há uma relação escravista que não é somente uma forma de se relacionar com o outro, seja animal humano ou não humano, mas refere-se a uma maneira de habitar a Terra. É uma maneira de moldar as paisagens e regular as relações dos diferentes elementos dos ecossistemas entre si. Percebo que o pensar decolonial sobre o nosso habitar na Terra pode ser capaz de produzir uma esfera capaz de se continuada. Porque, conforme FLYNN (2013), é discutida a transmissão de informação que permanece na cultura. Então esse olhar promove o que o autor FERDINAND (2022) denomina do cuidado da dupla fratura colonial, que é um duplo curativo que traduz outra forma de pensar as decolonizações e por outra forma pensar as lutas contra as degradações ambientais da Terra.

Referências

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.

FERRARI, Hector. DOMINUS DIXIT (EL OJO DEL AMO ENGORDA EL CONOCIMIENTO). Apresentação 3 organização 7 programação detalhada do evento 9 resumos ampliados 16, p. 25, 2023.

FLYNN, Emma G. et al. Target article with commentaries: Developmental niche construction. Developmental science, v. 16, n. 2, p. 296-313, 2013.

FRAGASZY, Dorothy M.; PERRY, Susan. The biology of traditions. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NUNES, Pâmela; GIRALDI, Patrícia; CASSIANI, Suzani. Decolonialidade na Educação em Ciências: O Conceito de bem viver como uma Pedagogia Decolonial. Revista Interdisciplinar Sulear, p. 199-219, 2021.

ORELLANO, Claudia Marcela; GONZÁLEZ, Sergio Gabriel. Acerca de la opción decolonial en el ámbito de la psicología. Perspectivas en Psicología, v. 12, n. 2, p. 1-8, 2015.

SALGADO, Lucas Rocha. Resenha: FERDINAND, Malcom. 2022. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p. 2023.

TONIAL, Felipe Augusto Leques; MAHEIRIE, Kátia; GARCIA JR, Carlos Alberto Severo. A resistência à colonialidade. Revista de Psicologia da UNESP, v. 16, n. 1, p. 18-26, 2017.

Auto-avalição

Percebo que fui bastante compromissada com a disciplina. Trazia reflexões e meus entendimentos das leituras semanais em vários momentos da aula. Mereço nota ‘A’ devido ao meu aproveitamento e introssamento na disciplina.